



11 - DIMAS MACEDO

CADEIRA Nº 11

PATRONO: BARÃO DE STUDART

## DIMAS MACEDO

*DIMAS MACEDO, filho de José Zito Macedo e de Maria Eliete de Macedo, nasceu em Lavras da Mangabeira, no dia 14 de setembro de 1956. Fez o curso primário no Grupo Escolar Filgueiras Lima, de sua cidade natal, e o secundário no Colégio São Vicente Férrer, ainda em Lavras da Mangabeira, no Colégio Joaquim Albano e no Colégio João Hipólito de Azevedo e Sá, em Fortaleza. Bacharelou-se em Direito pela Universidade de Fortaleza (UNIFOR), em 1981. Posteriormente fez curso de Pós-Graduação, obtendo o título de Mestre em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Ceará. Advogado militante na Comarca de Fortaleza, é professor de Direito Constitucional e Chefe do Departamento de Direito da Universidade de Fortaleza, sendo ainda Coordenador Adjunto do Curso de Direito da mesma Universidade, onde é também professor de cursos de Pós-Graduação. É ainda professor da Faculdade de Direito da UFC, em cujo Curso de Mestrado é professor. É Procurador do Estado do Ceará. Obras publicadas: **A Distância de Todas as Coisas** (1980), com segunda edição em 1987 e **Lavoura Úmida** (1990), de poesia; **Lavrenses Ilustres** (1981), com segunda edição em 1986 e **Notas Para a História de Alto Santo** (1988), de ensaio histórico; **Leitura e Conjuntura** (1984), **A Metáfora do Sol** (1989) e **Ossos do Ofício** (1992) de crítica literária; **Ensaio de Teoria do Direito** (1985), **O Discurso da Constituinte** (1987), **A Nova Política de Águas do Ceará** (1992) e **Formas e Sistemas de Governo** (1993), estes dois últimos em co-autoria, trabalhos de caráter jurídico. Tem colaborado em vários periódicos de Fortaleza, como os jornais **O Povo**, **Diário do Nordeste** e **Tribuna do Ceará**, e em revistas como **Aspectos**, da Secretaria de Cultura e Desporto, e periódicos de outros Estados, como a revista **Literatura**, editada em Brasília, e de cujo conselho editorial faz parte, entre outras. Podemos destacar, entre trabalhos esparsos, o estudo "Em Torno*

de Juvenal Galeno", na citada *Aspectos*, nº 23 de 1985; "O Rapto da Donzela — Um Texto Pleno de Metáforas", no *Suplemento Literário Minas Gerais*, de 27.09.1986; "Ensaio Mínimo", no *Suplemento Cultural d' A Tarde*, de Salvador, de 21.04.1990; "O Caráter Social da Ficção", no *D. O. Leitura de São Paulo*, de 09.06.1990 e "Um Romancista Piauiense", em *Literatura*, nº 1, de Brasília, janeiro de 1992. César Coelho dissera no prefácio de *A Distância de Todas as Coisas* ser este "um livro que transmite na medida exata os mistérios, a beleza, os milagres da poesia", e Francisco Carvalho, falando de *Lavoura Úmida*, afirma: "O artesanato dos seus poemas está seguramente comprometido com as exigências formais da modernidade literária."

## POEMA PARA LAVRAS

Lavras!

És bela pela tua sedução

e pela tua ternura,

porque és parte de mim

e viverás eternamente na minha saudade.

Porque gosto de viver da tua lembrança,

alimentando-me nas tuas tradições.

E como eu gostaria

que estivesses com o teu passado

no meu presente,

para afagar-te na tua majestade de senhora!

Sinto-te na minha imaginação

com as tuas imagens que sempre me fascinaram,

com as tuas cenas dramáticas

e os teus encantos tradicionais:

a Estação Ferroviária,

o Morro do Rosário,

o Alto da Boa Vista,

o Rabo da Gata,

a Praça da Bandeira,

o Rio Salgado,

o antigo Paço da Independência

hoje transformado em solidão

para os que violaram ou prostituíram o teu corpo.

Agora o que me resta

é percorrer-te a Rua do Cortiço,

com suas casas centenárias

onde repousam os segredos da tua história

e onde outrora tramaram o assassinato do teu progresso.

Caminhar até o Largo da Matriz,

deliciando-me com teus recantos

cantados e exaltados

e lavados em uma das enchentes do rio.

Desfilar até o velho cemitério

cortejando um dos teus enterros célebres,

ou volver à infância e ouvir as histórias

contadas pela minha mãe,

falando-me de heróis que eu não sei se existiram.  
Perder-me nas minhas recordações  
e venerar-te toda absoluta na minha meninice.  
Atravesar a majestosa ponte sobre o rio  
e da outra margem olhar-te soberana.  
Sim, ouvir mais uma vez a voz do sino  
chamando-me insistentemente  
e confundindo-me na aflição de sua prece.  
Mas o que sinto agora é que estás ausente  
e que não mais ostentas  
os sonhos de amor que sonhei para ti.  
Hoje, procuro-te aflito na minha solidão,  
amo-te desesperadamente  
com o amor de todos os teus filhos,  
porque foi por ti que me tornei poeta,  
porque sinto que estás morrendo lentamente  
e porque ainda não tenho forças para esquecer-te.

*De A Distância de Todas as Coisas, 2ª edição (1987).*

## **PARTILHA**

Para isto a vida:  
o sopro dos contrários.  
O fogo dos presságios  
queimando as nossas mãos.

Para isto o corpo:  
o dorso maduro dos afagos.  
O mar. O impossível  
oceano no qual nos afogamos.

Para isto a morte:  
o ócio das palavras.  
A paixão. O desejo.  
E o conflito de quem sentiu o beijo.

## **POEMA**

Há uma hora em que nos decompomos  
e indefinidamente vagamos  
entre rosas de sangue.

Há uma hora em que nos despimos  
e ocultamos o rosto  
e velejamos pelas bordas do caos.

Há uma hora em que copiamos o sonho  
e tecemos loas ao tempo  
e nos rendemos exaustos.

Há uma hora em que não é possível  
o compasso do corpo  
nem o corpo se quer sua memória.

Há uma hora em que morremos  
e uma hora em que o poema  
se<sub>†</sub> na uma necessidade inarredável.

## **PALAVRAS**

Para me suportar  
a mim mesmo me basto.  
Para não me morrer de tédio  
mergulho-me palavras.  
Sou pétalas de sons  
murmuradas ao vento.

Desnecessito-me no hábito.  
Desminto-me  
nos braços de Évora.  
Devoro-me nuns lábios  
que não teriam sido.

Sendo-me anjo  
o amanhã será outro dia.  
Ou um sopro de palavras  
perdidas. Ou o nada.

## DISCURSO

O poema é um rio que corre  
e represa na nuvem  
e despenca e se estraçalha  
quando afunda no solo.

Inútil remover a tragédia da vida  
quando ela se incrusta  
do lado esquerdo do peito.  
Do lado direito estão  
os resíduos do ócio e do tédio.  
No coração as espadas da angústia.  
Nas mãos a intranquilidade  
que se nutre de ânsias prematuras.

Ah, o poema, a pátria,  
a pérfida imperfeição que alucina.  
A náusea. O tórax. A aurora.  
O livro que repousa torto no teto,  
aberto entre estacas de sol.

O poster que sangra  
e perfura os meus olhos.  
O álcool. O fósforo. O fogo.  
A pátria corrompida. O irmão que pede  
migalhas de pão e clama por justiça.  
O salário. A miséria. As asas do anjo.  
A fome que sufoca e a pátria  
apetecida às garras da fúria.

E já não é possível a morte  
nem a vida nem a náusea nem o vômito

nem a enésima parte do todo  
nem a nuvem que chora nem a América  
nem as provas quilométricas  
da presença de Deus.  
Deus está na rocha. No rosto.  
Nas pernas que palmilham  
chãos inteligíveis.  
Deus está no porto flamejando espadas  
e anunciando a véspera do dilúvio.

Apocalipse: este é o teu nome.  
E nós que nos rendemos  
e morremos um pouco  
e resistimos e nos despimos  
e continuamos podres e irrespiráveis.

Estamos atônitos. Aflitos.  
Pérfidos. Logaritmos.  
Longevos. Lívidos.  
Lépidos. Lógicos.  
E láusticos. E loucos.  
E exânguidos lavramos loas à dor  
que esfacela a face.  
Tragam-me a trégua. A véspera.

A véspera. O após. O após. O ontem.  
O hoje que não seja o momento.  
Devolva-me o baile  
e bebam-me o néctar que é puro  
e que trescala as pétalas da aurora.  
Preciso clamar para o vento  
e viverá em mim a parte de mim que exala.

*Poemas inéditos, escolhidos pelo autor.*